Startups entram no radar dos investidores

Governos, empresas e pessoas físicas estão cada vez mais apostando em empresas iniciantes desenvolvedoras de inovação

Daniela Rocha
ESPECIAL PARA O ESTADO

Novos programas governamentais e maior volume de recursos estão sendo oferecidos para impulsionar as startups no Brasil nos próximos anos. O setor é formado por empresas iniciantes desenvolvedoras de inovações. Para fortalecer o empreendedorismo na área da tecnologia da informação (TI), o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) lançou o programa Start-up Brasil. "O objetivo é dar condições para que ideias de empresas nascentes de base tecnológica floresçam no País", afirma Virgílio Almeida, secretário de Política de Informática do MCTI. O setor de TI representa 5% do Produto Interno Bruto do País.

No total, serão selecionadas 100 startups e cada uma receberá R$ 200 mil em forma de bolsa para pagamento de profissionais envolvidos em pesquisas ao longo de um ano. Essas pequenas empresas vão participar de um programa de aceleração com acesso a infraestrutura física, assessoria jurídica e orientações de mentores. As nove aceleradoras já selecionadas pelo ministério – Aceleratech, 21212, Microsoft, Papaya, Pipa, Wayra (iniciativa da Telefônica), Fumsoft, Outsource Brazil e StartYouUp –, vão oferecer suporte e investir R$ 36 milhões nessas empresas em troca de participação societária. Ao final de 12 meses, as startups com melhor desempenho vão receber valores adicionais que somam R$ 100 milhões para alavancarem seus negócios. "Esse programa é claramente uma PPP (Parceria Público-Privada)", comenta o secretário do MCTI.

O primeiro edital do StartUp, concluído no final de maio, selecionou 50 empresas. Uma segunda rodada para escolha das outras 50 terá início em 19 de novembro e os resultados serão apresentados em dezembro. "No ano que vem, teremos mais 100 empresas. A ideia é fazer isso de maneira contínua para criar esse espírito das startups no Brasil", destaca Virgílio Almeida. A cada edição, uma fatia de 25% dos projetos pode ser de estrangeiros. "Vamos receber empreendedores jovens e talentosos que queiram abrir empresas no Brasil."

Expectativa. A partir de julho, o prazo entre a análise dos projetos e a resposta sobre a contratação do crédito será de 30 dias. Depois então, a empresa será orientada sobre documentação adicional para que seja feita a liberação dos recursos. No âmbito da Finep, Agência Brasileira de Inovação, vinculada ao MCTI, a meta para 2013 é atingir R$ 5,5 bilhões em linhas de crédito voltados aos projetos empresariais de inovação em diversos setores, sendo que 20% desse total será direcionado para micro e pequenas empresas (com faturamento anual de até R$ 16 milhões). "Estamos aperfeiçoando processos internos e toda a parte de informática", explica João De Negri, diretor de Inovação da Finep. Os empréstimos têm taxas de juros subsidiadas de 2,5% a 5,0% ao ano, quatro anos de carência e prazo de até 12 anos para pagamento.

Para os programas de subvenção econômica, isto é, dinheiro não reembolsável para empresas, a Finep destinará R$ 4,2 bilhões em 2013. Nesse caso, 20% serão para empresas de pequeno porte. O acesso a esses recursos é feito por editais da agência. "São recursos específicos para o pagamento de professores e pesquisadores envolvidos nos projetos", explica De Negri. Além disso, a partir de julho, a agência vai aportar mais R$ 200 milhões no Programa Inovar, para estruturação de novos fundos de venture capital e também do segmento Seed (semente), que é voltado às startups.

Até então, a Finep, já havia comprometido R$ 500 milhões em fundos, que ao receberem outros investidores, chegaram a um patrimônio de R$ 5 bilhões. Um quarto desse valor foi para as startups. "Ao adquirir participação acionária, a Finep assume o risco e estimula mais investimentos", diz o diretor de Inovação.

O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) também está ampliando sua atuação em fundos de capital semente. "Esse é o segmento que temos dado prioridade. As startups costumam ter dificuldade de acesso aos financiamentos bancários, estão começando e não têm garantias. O fundo cobre essa lacuna", comenta o chefe do Departamento de Investimento da Área de Capital Empreendedor do banco, Pedro dos Passos.

Este ano, o BNDES entrará com R$ 136 milhões no Criatec 2. Os gestores já foram selecionados e agora o fundo está na fase de captação. O patrimônio deverá chegar a R$ 190 milhões, conforme previsão de Passos. O objetivo é investir em 36 startups selecionadas em universidades e centros tecnológicos. Para o Criatec 3, o processo de seleção dos gestores será concluído este ano, porém, o fundo só vai começar a operar em 2014. Há projeção de outros R$ 190 milhões. Lançado em 2007, o Criatec 1 contou com R$ 80 milhões do BNDES mais R$ 20 milhões do Banco do Nordeste, aportados em 36 projetos de empresas com faturamento anual de até R$ 6 milhões.

Os novos fundos Criatec 2 e 3 aumentaram o universo de empresas que podem ser selecionadas, com receitas maiores, de até R$ 10 milhões por ano. Entretanto, os gestores poderão escolher empresas com ou sem faturamento. "No Criatec 1, parte das empresas ainda não tinha faturamento e se utilizou dos recursos para concluir pesquisas, finalizar produtos e colocá-los no mercado", lembra Passos.

FERRAMENTAS DE APOIO

● Aceleradora e acelerada

Começam a ganhar cada vez mais força no Brasil as aceleradoras, empresas especializadas em apoiar startups a amadurecerem os projetos e tornarem seus negócios escaláveis. O termo aceleradoras é genérico porque existem diversos níveis de suporte. Algumas emprestam somente a infraestrutura aos empreendedores, outras agregam contatos comerciais. E existem as mais completas que também fazem investimentos nas startups.

● Investimento anjo

O investimento anjo tem avançado no País com a melhoria na qualidade das startups. A associação Anjos do Brasil estima que já são cerca de 6.300 investidores pessoas físicas. Só em 2012, eles aplicaram R$ 495 milhões em startups. "Em apenas um ano e meio, formamos 9 grupos em 7 Estados", destaca Cassio Spina, presidente da associação. Segundo ele, nos casos de sucesso, os retornos, variam de 10 a 50 vezes o capital investido.

DIVULGAÇÃO

Música. Amorim e Cabral, sócios da D'Accord, que nasceu na Federal de Pernambuco

● Apoio

"O objetivo é dar condições para que ideias de empresas nascentes de base tecnológica floresçam."
Virgílio Almeida
SECRETÁRIO DE POLÍTICA DE INFORMÁTICA DO MCTI

Empresas nascem nas universidades

Com base em Campo Grande, no Mato Grosso do Sul, a Optimale, especializada em soluções computacionais para gestão ambiental, foi idealizada com base na experiência dos seus fundadores em laboratórios de pesquisa dentro de universidades.

A empresa foi constituída em 2009, quando obteve R$ 120 mil da Finep através do programa Prime (Primeira Empresa Inovadora). Logo na sequência, recebeu duas bolsas, uma federal (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq) e outra estadual, para pagamento dos mestres e doutores envolvidos nos projetos, somando R$ 350 mil. Em 2011, teve aporte de mais R$ 230 mil do Programa de Apoio à Pesquisa em Empresas na Modalidade Subvenção Econômica a Micro Empresas e Empresas de Pequeno Porte (Pappe/Finep). Atualmente, a empresa oferece serviços em seis Estados, entre eles, monitora a produção de água no Acre, os reservatórios de Aracaju e o nível de chuva e capacidade de drenagem urbana em Campo Grande.

A Optimale também desenvolveu sistemas para verificação, em tempo real, do consumo de água, energia e gás em residências. "Identificamos as oportunidades e estruturamos os projetos para buscar os recursos para o negócio girar. Esses estímulos foram importantes. Hoje, estamos escrevendo um projeto para captar subvenção da Finep no programa TI Maior", destaca o engenheiro e diretor de tecnologia da Optimale, Peter Batista Cheung. Segundo ele, os empreendedores precisam saber escrever muito bem os projetos para terem acesso aos programas governamentais de apoio à inovação. Além disso, muitas vezes, as contrapartidas exigidas não precisam ser bens.

Outra empresa que nasceu da ideia de estudantes, no caso, dentro da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) foi a D'accord Music Software, que desenvolve ferramentas e aplicativos voltados para o aprendizado de violão, guitarra, teclado e bateria.

Entre 2002 e 2008, os sócios conseguiram bolsas do CNPq para pesquisas e também investiram capital próprio. "Colocamos dinheiro na empresa, o pouco que a gente tinha. Nessa área de TI não é necessário muito dinheiro para fazer algo interessante. Começamos com dois computadores e dois bolsistas", diz Américo Amorim, um dos sócios. Depois, para atingir maior escala, eles buscaram subvenção da Finep e conseguiram, em 2009, a liberação de R$ 1,6 milhão. Foi necessária uma contrapartida de R$ 600 mil, preenchida pelo caixa da empresa. A companhia exporta para mais de 100 países e passou recentemente a atuar na área de educação em parceria com editoras. "Por exemplo, desenvolvemos o jogo do Enem no Facebook, que já conta com 130 mil fãs", afirma Amorim. / **D.R.**

Fonte: O Estado de S. Paulo, São Paulo, 6 jun. 2013, Economia & Negócios: Fóruns Estadão Brasil Competitivo, p. H6.